

## **A PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO LABORATÓRIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**\*Grupo de Pesquisa UCB/Educação Física**

**\*\*SILVA. Dr. Ronaldo Rodrigues da**

### **RESUMO**

O estudo buscou apresentar argumentos de revisão de literatura mostrando a importância que os laboratórios têm em promover as práticas pedagógicas nos cursos superiores e principalmente no curso de Educação Física. Os meios utilizados e as tecnologias da educação superior colocam os alunos diretamente com as práticas facilitando com isso uma melhor inserção de atuação no mercado trabalho. O estudo ainda se refere à rica utilização que as disciplinas podem utilizar no laboratório como uma ferramenta educacional promovendo a sua interdependência dentro dos conteúdos de. A valorização e incrementação desse meio pedagógico proporcionam aos alunos mais conhecimento e confiança no desempenho de suas futuras atividades profissionais. A pesquisa, a extensão e o ensino são desenvolvidos a cada passo dentro desse universo colocando os estudantes cada vez mais perto da realidade que o mercado de trabalho exige.

**Palavras Chave: Laboratório. Práticas Pedagógica. Educação Física.**

---

\* Rafael Alves de Sena, Crispiniano de Souza Coelho, Thiago Sena e Silva, Rosilda O. da Silva e Aline de Melo Costa. Alunos do curso de educação física da Universidade Católica de Brasília

\*\*Professor Dr. Orientador do Grupo de Pesquisa

Os projetos apresentados pelos laboratórios aos estudantes promovem uma visão bem próxima daquelas que o mercado de trabalho oferece, pois a demanda pelas vagas oferecidas vai depender das experiências acumuladas no desenvolvimento dos projetos em que eles tenham participado.

## **INTRODUÇÃO**

A constante busca para desenvolver trabalhos nos de laboratório de diversos cursos são fatores importantes no fazer, ou seja, colocar em prática tudo o que se aprende na teoria. Sabendo-se que muitas das vezes essa relação teoria/ e prática não acontecem como um passo de mágica, dependendo muito do centro de interesse e habilidade do professor em encantar estes estudantes no ensino da pesquisa/extensionalidade de seu curso.

Essa tarefa os coloca frente a uma situação prática, de execução das informações/conhecimentos que adquiriram nas aulas teóricas. As ocasiões em aprendem as habilidades que irão necessitar quando forem exercer a profissão que escolheram.

Rezer (2008), apresenta elementos que permitem refletir sobre possibilidades para uma maior aproximação entre *teoria* e *prática* pedagógica no campo da Educação Física Escolar (EFE). Ele parte da idéia de que a EFE escolar vive um momento entre um “*não mais*” e um “*ainda não*”. Nessa perspectiva de lidar com esta conjuntura, apresenta algumas experiências vivenciadas em encontros de formação permanente de professores, no decorrer do ano de 2008. Posteriormente, procura tencionar a prática pedagógica na EFE escolar, apresentando-se constituir como possibilidades de aproximação entre o conhecimento produzido pelo campo da EFE e a prática pedagógica neste âmbito.

A procura por estes projetos dar-se-á de uma forma mais cultural do que obrigatória já que a realidade da procura a estes laboratórios não se processam dessa forma é sabido que a maioria dos estudantes de diversas instituições de ensino superior não tem essa cultura de procurar o laboratório para ajudar ao longo de sua formação e prepará-lo para a sua trajetória profissional.

A participação no processo de desenvolvimento científico e tecnológico, visa a realização e divulgação de pesquisas e trabalhos que contemplem a realidade local, nacional e internacional, tomando cuidado ao estimular o espírito crítico e criativo dos participantes(FEF/UNICAMP, 2000).

Promover meios na ajuda da formação de professores para exercer funções de magistério em diversos âmbitos profissionais na educação é objetivo que possibilitará por meio dos conhecimentos científicos a construção autônoma do saber e/ou aprendizagem, por meio das tecnologias da informação e da comunicação e, ainda, aprender a criar projetos pedagógicos utilizando essas tecnologias. Ampliar os níveis de sensibilização cultural por meio de uma formação que não só privilegie o acesso e decodificação dos elementos da cultura, mas as ciências e suas tecnologias, o pensamento filosófico, os sistemas de mídia, o marketing, e à afirmação de seus valores fundamentais.

Ajudar na condução dos alunos aos necessários estudos específicos de formação, a fim de habilitar os acadêmicos do Curso de Licenciatura de Educação Física e a inseri-los no mercado de trabalho com informações e conhecimentos suficientes para desenvolver suas tarefas profissionais. São fatores preponderante na compreensão das teorias e metodologias concernentes, frente às exigências e a demanda, limites e possibilidades, bem como, às competências profissionais que, no nível superior, devem ser desenvolvidas de forma articulada com a formação da cidadania. Propiciar aos acadêmicos o domínio do conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicos, assegurando o domínio científico e profissional do campo específico do magistério na Educação.

Uma instituição de ensino superior consolidada poderá mostra a sociedade o seu compromisso para o desenvolvimento do ensino da pesquisa e da extensão. Este último elemento, no entanto, pouca atenção recebe nas discussões que permeiam a breve história acadêmica. Isso tem favorecido e provocado atuação extensionista acentuada no cenário universitário, deixando a esta à função de “integrar a universidade à sociedade de maneira a retirar elementos informativos que sirvam à renovação do sistema universitário, enquanto busca elevar os padrões culturais do meio” (GAELSER, 1988).

A participação do Curso de Educação Física na Extensão é justamente levar a Universidade ao encontro da sociedade na ajuda de desenvolvimento de seu papel diante do Estado na promoção de cidadania e novas tecnologias para o desenvolvimento. Cabe lembrar ainda que a promoção desses meios esteja relacionada as proposta pedagógicas de cada curso especialmente o da educação física que além de colocar os seus alunos no mercado de trabalho cada vez atuante cresce a oferta de novas modalidades esportivas e de atividade física orientada.

A Extensão Universitária na relação da universidade com a sociedade promove a experiência acumulada, ao longo de anos, pelos diferentes segmentos acadêmicos, seja através do acolhimento de demandas expressadas por usuários, como também pelas propostas inovadoras que têm exercitado a respeito. “A extensão pode, também, ser vista como uma tentativa de aproximação com a comunidade (SANTIN, 1988)”.

A Educação Física na extensão tem como um dos objetivos “resgatar para o interior de sua prática o compromisso social, atuando, no contexto de uma pedagogia social crítica, os componentes ensino e pesquisa orientados e realimentados pela extensão em seu constante convívio e interação com a comunidade” (ESCOBAR, et al.,1988).

Frente a estas considerações iniciais, tem-se por objetivo descrever experiência de gestão de ações de ensino, extensão e pesquisa, nucleadas a partir da estrutura do “grupo temático” capaz de agregar muitas das atividades comuns na prática universitária, especialmente aquelas que dizem respeito ao cotidiano acadêmico de alunos e docentes.

A justificativa desse estudo parte da necessidade no que se refere o uso do laboratório de práticas pedagógicas no curso de educação física, que se encontra como apoio não utilizável contestando a falta do interesse da comunidade acadêmica do curso em não ter uma cultura científica, partindo do pressuposto em que as experiências adquiridas ao longo de suas vidas profissionais são suficientes para ministrarem suas aulas e usarem como exemplos seu histórico de vida como atleta ou como educador.

As perspectivas que envolvem todo um sistema de aprendizagem pedagógica requer a participação dos alunos nos laboratórios justamente para colocar em prática tudo aquilo que é aprendido em sala, integrando assim as propostas que incidem dentro dos parâmetros curriculares nacionais (PCN's 1999).

Surtem então diversas hipóteses nas quais podemos verificar os limites de participação da comunidade acadêmica no quesito “uso dos laboratórios” aos quais estão restritos a uma clientela seleta e “bem sucedida” na visão dos responsáveis pelos laboratórios. Partindo assim desse princípio é que se levanta a hipótese do porque os professores não atuam dentro do laboratório de práticas pedagógicas do curso de educação.

A pesquisa foca na problemática da utilização e interação do uso do laboratório como um meio promovendo o desenvolvimento da teoria em prática como atividades complementares ou ainda como conteúdo nessa utilização.

Portanto o objetivo deste artigo é levantar a importância do laboratório de práticas no curso de educação física.

## **Metodologia**

**Pesquisa** de Revisão de Literatura que segundo Silva (2000) “pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre a localização e obtenção de documentos para avaliar o que subsidiará como tema do trabalho.

## **Análise e Discussão**

As propostas e objetivos do laboratório de práticas pedagógicas em cursos que se utilizam desses recursos provem de um conteúdo estruturado voltados para a utilização “casada” entre a teoria e prática. Versão que pode ser contestada por falta de conhecimento ou simplesmente interesse de quem ministra aulas que se inter-relacionam, a partir de uma concepção extremista ou radical onde as estruturas separam-se do aprender a aprender e o aprender a fazer. Porém estudos como os de (ANDRETTI SILVA, 2005; MEDEIROS, 2007; entre outros), permite considerar que há indícios de algumas aproximações entre conhecimento e intervenção, possíveis de serem percebidas e que devem ser evidenciadas. No contexto dessa afirmação da discussão, é possível perceber professores da Educação Física escolar

publicando suas experiências científicas a cada processo no decorrer dos resultados por eles apresentados. São vivências projetadas em estudos longitudinais nos quais abrangem uma vasta experiência de campo. Mas essa nobre tarefa precisa ser percebida como uma via de mão dupla. Os trabalhos organizados por Kunz (1994, 2001, 2002 e 2005), vêm tentando, a partir de pressupostos críticos, propor alternativas para a prática pedagógica da Educação Física (principalmente na escola), a partir de diferentes temas (dança, atletismo, futebol,...). Embora as propostas se apresentem como perspectivas isoladas em um contexto mais amplo e complexo que situações e exemplos pontuais de aula, apresentam sua relevância. Ainda nesse sentido podemos citar um outro autor em sua concepção de ensino no curso superior em um texto datado de 1996, Tani expressa na forma de título, um intrigante questionamento voltado para a formação inicial em Ed. Física: “Vivências esportivas no curso de graduação em Educação Física: necessidade, luxo ou perda de tempo?”. Se no âmbito da formação inicial esta tradição de “praticar o jogo”, e não o exercício da docência, o “como ensinar o jogo” já vem sendo discutida, no âmbito da formação permanente esta questão adquire caráter paradoxal. As exigências para um processo de intervenção passam por questões como conhecimento específico do conteúdo; conhecimento metodológico e conhecimento didático, e não, pela experimentação de jogos, onde os docentes se convertem em “jogadores”, mesmo que isso torne mais “divertido” tais encontros. Talvez seja necessário perceber mais atentamente que dominar conceitos, metodologias e procedimentos didático-pedagógicos, e não somente exemplos de jogos, por exemplo, permite construir uma infinidade de situações de aula, com maior autonomia pedagógica, em qualquer contexto.

Segundo (STEIN, 2001) este tema se propõe a apresentar elementos que permitam refletir sobre possibilidades para uma maior aproximação entre *teoria e prática* pedagógica no campo da Educação Física Escolar. Para tal, inicialmente, ele parte da idéia de que a Ed. Física Escolar vive, na contemporaneidade, em uma espécie de limbo, entre um “*não mais*” e um “*ainda não*”. Em um segundo momento, considera importante apresentar algumas experiências vivenciadas em encontros de formação permanente de professores. Partindo das afirmações, cabe destacar que outros fatores como a estrutura e o entorno da intervenção precisa ser também responsabilizada, pois não estabelece mecanismos esperados, no sentido de construir condições objetivas que permitam avançar ou mesmo “desatar” os “nós” apontados pelos docentes. A falta de material e de local apropriado é uma limitação que se deve respeitar, pois no ambiente de trabalho as ferramentas são essenciais para um bom desenvolvimento de tarefas e os mecanismos usados ajudam a estabelecer critérios mais precisos e apontam para uma melhoria no desenvolvimento das tarefas. Obstante a isso, não deve ser percebido como um fator capaz de resolver os problemas do contexto da Ed. Física Escolar, visto que há casos de escolas que apresentam grande diversidade de materiais e espaço físico adequado, mas que ainda tem dificuldade de lidar com o cotidiano das aulas. Tal assertiva não minimiza a importância de lutar por condições dignas de trabalho e materiais necessários. Apenas se refere ao fato de que material adequado e estrutura física são importantes, mas não são suficientes frente aos dilemas da Ed. Física Escolar (REZER, 2007). Ainda segundo o mesmo autor, no que se refere às relações entre conhecimento e prática pedagógica, o próprio docente reconhece a dificuldade que vem tendo em se relacionar com o conhecimento produzido pelo campo e por vários fatores que contribuem para esse entrave. Cabe destacar também, conforme exposto anteriormente, a carência de produções de cunho didático-pedagógico, que possam orientar a intervenção

pedagógica no contexto escolar de forma mais profícua. Caparroz e Bracht (2007) nos mostram que O professor precisa se perceber como um autor, um autor da docência, onde ele se sinta construtor das aulas que ministra, e não, mero executor das idéias de outros, atuando, conforme em primeira pessoa, no exercício de sua profissão. Na esteira de fomentar esta autoria, a leitura e o estudo seriam por demais importantes. Isso pode permitir a importância de considerar um desafio instigante: a transição de leitor para autor. Já se falou em outros momentos, que ao escrevermos, nos despimos e nos mostramos como somos.

É importante que saibamos nos comportar diante desses dilemas, pois a exposição é um processo contínuo em que vivemos todos os dias ao ministrarmos as nossas aulas. Como sistematizar o pensamento das próprias experiências, por exemplo, de forma rigorosa, tentando se fazer compreender pelos outros, trata-se de nobre esforço, na mesma proporção que ousado relatos de experiência ainda sejam vistos com desconfiança pela lógica do produtivismo acadêmico. Este desafio pode constituir experiências muito ricas, pelo fato de colocar o docente a prova. Marques (2001), ao escrevermos para pensar e não pensamos para escrever. Mesmo assim, o primeiro dilema real que se apresenta na constituição da escrita parece corriqueiro, mas extremamente complexo: por onde começar? Desta feita, o maior desafio da escrita é começá-la, pois só se escreve, escrevendo. Assim, não há um tempo de “preparar se” para escrever: ele próprio, o escrever, trata-se do ato inaugural, do começo dos começos.

Outro fato interessante na fala de Caparroz e Bracht (2007) é:

Trazer esta discussão para o âmbito do ensino superior, a formação inicial deve priorizar condições que viabilizem a autonomia e a liberdade no exercício da docência e não o sentimento de tutela ou a dependência. Vivemos um momento de expansão da chamada “indústria do conhecimento requentado”, configuradas por mega-eventos, cursos de capacitação, reciclagem, *workshops*, entre outros. Ao invés do estudo, da reflexão e da crítica, uma sessão ou outra de “dependência”, em contextos que ensinam receituários, “pílulas” para que possamos “dar” aula. Na contramão desta “moda” contemporânea do “fastfood” profissionalizante, seria mais interessante para um processo de formação permanente, a busca pela arte de dominar conceitos, no caminho da autonomia pedagógica. Ao dominarmos conceitos, nos afastamos da indústria que pensa por nós e nos tornamos mais sujeitos autônomos, com maior inteligência de navegação. Isso representa a possibilidade de participar ativamente de fóruns de discussão construídos no e pelo coletivo, na perspectiva de ampliar a compreensão de fenômenos presentes na contemporaneidade da EF.

São fatores que devemos nos orientar para não cairmos em euforia pedagógica e nem tão pouco na irracionalidade cultural do crescimento global que de certa forma acaba envolvendo a educação como um fator de expansão e de cultura pouco científica. Também percebe se que diante desse quadro não podemos simplesmente fechar os olhos e achar que o processo é progresso. Não se intimidar também já é uma forma discutir e trazer esses momentos para a educação e tirar proveito.

Quando se pensa em usar as práticas pedagógicas em laboratórios muitas das vezes os profissionais não percebem que fazem uso dessa ferramenta constantemente. O seu cotidiano é rico em experienciar novos métodos e processos mesmo sem saberem que estão aplicando cientificamente novas tecnologias pedagógicas e isso pode parecer empirismo. Essa prática acontece em todos os âmbitos do ensino que provavelmente se dá pela falta de atualização ou até por desinteresse. As práticas pedagógicas dos professores, assim como a elaboração de uma legislação que a discipline, não são isentos de conflitos e tensões. Portanto, para expor determinado modelo de prática pedagógica é necessário analisá-lo sempre a partir do pressuposto da existência de tais conflitos e tensões.

Porém, esta perspectiva exige do educador desta área uma postura docente que esteja comprometida pedagogicamente e politicamente. Nestes termos, a legitimação da Educação Física no campo de trabalho escolar, só poderá ser efetivada a partir de ações coletivas de todos os sujeitos envolvidos no contexto educativo, sejam eles professores, diretores pedagógicos e alunos. Vale ressaltar, porém, que um projeto político-pedagógico coletivo implica, a nosso ver, na eliminação da divisão do trabalho escolar, pois, o que podemos perceber é que há um privilégio exacerbado do trabalho intelectual em detrimento do corporal, sendo necessário que haja superação dessa dicotomia (CRUZ, 2007)

Para Betti (2003), a produção de pesquisas no âmbito da Ed. Física precisa se aproximar de forma mais concreta dos espaços de intervenção. Não podemos mais admitir a produção de artigos e pesquisas para serem lidos por pequenas comunidades específicas, para deleite intelectual de pequenos grupos, de preferência em outra língua. Precisamos de estudos que venham a contribuir com os processos de intervenção e trabalhos como os de Bracht *et al* (2003), que apontam para esta possibilidade. O trabalho de Bracht *et al* (2003) permite considerar que há fissuras, possibilidades que, se potencializar, podem permitir construir o que vem se chamando em outros estudos (REZER, 2003, 2006), de “focos de ruptura” em determinados contextos, mesmo com todas as dificuldades conjunturais da Ed. Física escolar contemporânea.

Desta forma, entende-se, que o professor de Educação Física deve estar sempre aberto a novas situações do ensino-aprendizagem de modo a transmitir com grande eficiência não só conhecimentos que envolvam a realização de movimentos corporais, mas também saberes que auxiliarão na transposição dos limites e possibilidades sociais (CRUZ, 2007).

Nessa perspectiva, o professor de Educação Física, querendo ou não, também é veiculador de sentidos, significados, valores, intenções, entre outros fatores sociais que viabilizam o educando para a apreensão da vida em sociedade.

A autora ainda se refere a perspectiva de que a área em questão possa obter a maior legitimidade na instituição educacional, é necessário observarmos como estão germinando as bases teórico-metodológicas da Educação Física no ambiente escolar, pois, enquanto profissionais, os professores de

Educação Física devem usar as mais adequadas técnicas, conteúdos, diretrizes metodológicas, avaliações, entre outros constituintes educativos, visando em primeiro plano, preparar os educandos tanto em nível escolar, quanto no extra-escolar.

É aí que a demanda de sala de aula se articula com outras demandas do espaço escolar vinculando a atividade do professor com a política educacional.

Neste sentido, pensar a reorientação curricular implica em refletir sobre as demandas que dela possam se originar, uma vez que, desencadeado o processo de articulação entre as necessidades da escola e as necessidades do indivíduo, se irá perceber que elas serão as mesmas.

Cruz (2007) vê a evidente à necessidade de experiências, no interior da escola, que busquem envolver tanto professores quanto alunos na construção coletiva do conhecimento tratado através da cultura corporal, utilizando-se procedimentos que visem à formação de sujeitos críticos, participativos e ativos, bem como o planejamento participativo, a pesquisa escolar e a avaliação interativa. Além disto, é necessário que se busquem propostas para o redimensionamento do tempo pedagógico dos alunos.

Para que essa prática seja desenvolvida na comunidade de profissionais da educação, no sentido de se alcançar tanto o desenvolvimento do alunado como do corpo docente, é necessária a apropriação de saberes científicos e críticos que se constituirão nas disciplinas escolares (DEMAILLY,1992) e darão condição à auto-formação e à produção do saber, através da investigação sobre o desenvolvimento do processo educativo.

No âmbito da prática pedagógica do professor em formação há que se enfatizar, também, o saber didático que irá propiciar através do domínio da estrutura da disciplina a didática de um processo geral de transmissão e aquisição do saber escolar. Para tanto é necessário que a prática pedagógica incorpore, na formação do professor, a competência em nível de relações humanas, que diz respeito ao comportamento do professor durante o desenvolvimento do processo educativo, não só na sala de aula, mas em todos os ambientes utilizados para esse fim (CRUZ 2007).

Diante destes fatos cada vez mais as propostas de atuação em laboratórios tornam-se evidentes dentro do curso de educação física, aumentando assim as experiências e participações dos alunos ainda em fase de estudos na graduação. As praticas pedagógicas são parte do processo de formação tão importante quanto a teoria que se complementam em um todo.

As participações de inclusão dos alunos para a busca de mais informações e conhecimento abrem um leque de perspectivas dos professores que estão atuando na licenciatura, pois além de beneficiar com a prática das disciplinas ajudam o corpo docente em buscar novas alternativas de estudos nos laboratório de praticas.



## **CONCLUSÃO:**

Os laboratórios de práticas pedagógicas vêm a cada dia mostrando técnicas de abordagens e de utilização como ferramenta de aprendizagem entre a teoria e a prática. Lançar estudantes no mercado de trabalho é uma tarefa muito gratificante quando os mesmos estão aptos para desenvolver a sua profissão. O nível de conhecimento absorvidos através das informações unidos a prática se complementam promovendo meios da aplicação na atuação profissional.

Os laboratórios não só promove as condições de práticas como também instigam os alunos a criarem, a crescerem profissionalmente em uma simulação da sua atuação como profissional em sua área.

Busca também avaliar o seu futuro desempenho para exercer funções de magistério em diversos âmbitos na profissão da educação o que possibilitará meios de conhecimentos utilizando novas tecnologias. Ampliar os níveis de consciência cultural e uma formação mais segura. Ministrando aulas com segurança, ter um melhor domínio sobre a turma, saber entender e compreender melhor os interesses de sua clientela, mobilizar e adequar as novas situações e imprevistos, desenvolver novas tecnologias do ensino aplicando com mais conhecimento e determinação. Essas e muitas outras qualidades ajudam os alunos a desempenharem o papel de professor e a sua participação no mercado de trabalho e ajuda de sua formação e cidadania.

## REFERÊNCIAS:

ANDRETTI SILVA, J. O futebol da escola. In: KUNZ, E. (Org.) **Didática da Educação Física 3.** Futebol. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

BETTI, M. **Educação física escolar: do idealismo à pesquisa-ação.** 2002. Tese (Livre-Docência em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Física e Motricidade Humana), Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

BRACHT, V. *et al.* **Pesquisa em ação: Educação Física na escola.** Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** V. 28, no. 2. Campinas: Autores Associados, janeiro de 2007.

CRUZ, Ana Maria Lima, Paulo da Trindade Nerys Silva. Prática pedagógica dos professores de educação física nas escolas públicas de São Luís (ma). Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós Graduação em Educação. Mestrado em Educação. **Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Física - LEPEF.** Universidade Federal do Maranhão. Departamento de Educação Física. 2007.

DEMAILLY, Chantraine Lise (1992). **Modelos de Formação Contínua e Estratégias de Mudança.** In António Nóvoa (Ed.), Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Publicações D. Quixote. 1992

ESCOBAR, M. O.; BURKHARDT, R. E. & TAFFAREL, C. N. Z. Extensão da Educação Física/Esporte: Realidade e Necessidades: in PASSOS, S.C.E. (org.) *Educação física e esporte na universidade.* Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto,** 1988. 426p.

FEF/UNICAMP – A Extensão em Educação Física na Unicamp 1998-2000: textos norteadores e complementares. Campinas, Coordenação de Desenvolvimento de Eventos e Esportes/Projeto Escritório de Editoração de **Textos Acadêmicos em Extensão Universitária,** 2000.

GAELSER, L. A Educação Física em Projetos de Extensão Universitária: in PASSOS, S.C.E. (org.) *Educação física e esporte na universidade.* Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto,** 1988. 426p.

KUNZ, E. **Transformação diaticopedagógico do esporte.** Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Didática da Educação Física 1.** Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Didática da Educação Física 2.** Ijuí: UNIJUI, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Didática da Educação Física 3**. Futebol. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

MARQUES, M.O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

MEDEIROS, F. E. O futebol de “seis” quadrados nas aulas de educação física: uma experiência de ensino com princípios didáticos da abordagem crítico emancipatória. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 28, no. 2. Campinas: Autores Associados, janeiro de 2007.

PARAMENTROS CURRICULARES NACIONAL - PCNs: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, **MEC/SEF**, 1997.

REZER, R. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/ futsal: possíveis perspectivas de superação**. Dissertação de Mestrado. Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. O fenômeno esportivo: ponderações acerca das contradições do paradigma da ‘iniciação’... In: REZER, R. (Org). **O fenômeno esportivo: ensaios crítico reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006.

REZER, R. FENSTERSEIFER, P.E. Docência em Educação Física: reflexões acerca de sua complexidade... **Revista Pensar a Prática**. Goiás: UFG, no prelo.2007.

REZER, Ricardo. Relações entre conhecimento e prática pedagógica no campo da educação física: pontos de vista. **Motrivência** Ano XIX, Nº 28, P. 38-62 Jul./2008.

SANTIN, S. Universidade, Comunidade e Tempo Livre (aspectos filosóficos e antropológicos) in PASSOS, S.C.E. (org.) *Educação física e esporte na universidade*. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto**, 1988. 426p.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Educação à Distância da EDUSC, 2000.

STEIN,E.Paradoxos da modernidade. In: STEIN, E. **Epistemologia crítica da modernidade**. 3ª. Edição. Ijuí: UNIJUI, 2001.

TANI, G. Vivências esportivas no curso de graduação em Educação Física: necessidade, luxo ou perda de tempo? **VI Simpósio de pesquisa em Educação física**. Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.